

Dono da Servaz admite negociatas com a máfia do Orçamento

MARIA LIMA
e ROSSANA ALVES

BRASÍLIA —

Pela primeira vez, o dono de uma empreiteira admitiu a existência de acertos com deputados para a feitura de emendas que garantiram fatias do Orçamento Geral da União para a execução de obras em todo o país. Em depoimento reservado prestado à subcomissão de Patrimônio da CPI da máfia do Orçamento, o dono da Servaz, Onofre Américo Vaz, revelou que as emendas de seu interesse eram produzidas por sua equipe de lobistas nos gabinetes dos deputados Manoel Moreira (PMDB-SP), Paes Landim (PFL-PI), Ezio Ferreira (PTB-AM), José Luiz Maia (PPR-PI) e Salatiel de Carvalho (PP-PE). No gabinete do relator geral, João Alves (PPR-BA), Onofre ia pessoalmente pedir prioridade para a inclusão dessas emendas no relatório final da Comissão Mista de Orçamento.

— Era no gabinete do relator geral, João Alves, aonde todo mundo ia para saber a prioridade de suas emendas — disse o empresário.

Onofre revelou que o gabinete mais freqüentado por ele era o do líder do PPR na Câmara, José Luiz Maia, à época sub-relator da Comissão Mista do Orçamento. No depoimento, o empreiteiro disse claramente que nos últimos dois anos freqüentou com assiduidade o gabinete de Maia, e pedia que ele pusesse suas emendas no Orçamento.

— Ele sempre dizia que o dinheiro estava curto, que o dinheiro estava escasso. As emen-



“Estávamos sempre lá (gabinetes de parlamentares) como para dizer: “Não esqueçam da minha caló!”

Onofre Vaz, dono da Servaz

das eram feitas no gabinete de cada parlamentar. Estávamos sempre lá como que para dizer: “Não esqueçam da minha caló!” — conta Onofre Vaz.

Ao revelar um estreito relacionamento com o deputado Manoel Moreira, de quem conseguiu emendas para execução de obras em Hortolândia e Valinhos, duas cidades próximas a Campinas (SP), Onofre acabou confirmando as denúncias de Marinalva Soares da Silva, ex-

mulher do deputado. Ela dissera que a campanha do ex-marido foi basicamente financiada pela Servaz, onde já teria ido pessoalmente buscar um pacote com US\$ 60 mil para o marido.

O empresário informou ainda que comprou de Manoel Moreira um flat no edifício Kubitschek Plaza, em Brasília.

Depois de fazer um histórico da trajetória da Servaz, fundada no início da década de 70, Onofre negou o pagamento de propinas

aos parlamentares. Mas em vários trechos de seu depoimento acabou confirmando a contabilidade revelada pela imprensa, em que estão expressos em códigos os valores das propinas pagas a Paulo César Farias, a Paes Landim e a outros parlamentares da Comissão do Orçamento.

É o caso, por exemplo, do pagamento de 20% a Paulo César Farias, encarregado de liberar na Caixa Econômica Federal créditos de US\$ 3 milhões que a Servaz tinha retidos. Na relação de propinas publicada, aparece o nome de PC Farias com um percentual de 7%. No depoimento, porém, Onofre disse que pagou uma comissão de 20%, o equivalente a US\$ 600 mil, para que PC liberasse seus créditos, que o então presidente da CEF, Lafayette Torres, não queria liberar.

— O PC disse que o Jorge Bandeira ia cuidar do meu caso... paguei os 600 mil dólares para o Bandeira e continuei trabalhando, mas não recebemos o crédito. O PC queria todo o dinheiro. Ele dizia: “Isso é pouquinho, passa para cá.” Foi um negócio gritante, fiquei marginalizado e comecei minha ruína — contou Onofre.

Com a apresentação de emendas propostas pelos assessores da empreiteira, Paes Landim e José Luiz Maia conseguiram aprovar obras importantes para a Servaz no Piauí.

— Sempre pedimos ao Paes Landim que nos ajudasse. Tivemos uma barragem em São João do Piauí, que é a terra dele, e uma barragem do Genipapo, uma de nossas maiores obras em todo o país — confirmou Onofre Vaz, que deverá ser ouvido no plenário da CPI da máfia do Orçamento.